

O PAPEL DA PALAVRA NO DISCURSO RACISTA NA CONTEMPORANEIDADE NO ESPORTE BRASILEIRO NUMA PERSPECTIVA DE MICHEL FOUCAULT

Antonio Carlos Silva Ribeiro¹

Tháise Valentim Madeira²

RESUMO

Os discursos racistas proferidos nos ambientes esportivos apontam uma questão relevante: como uma palavra ganha poder, dentro de um contexto, coagindo determinado grupo social? A partir desta pergunta, o presente artigo se propõe a analisar a relação de poder, conferida pela linguagem, nos discursos racistas na contemporaneidade, em especial nos eventos esportivos, a fim de oferecer um entendimento possível a cerca deste tema. Foi realizada uma pesquisa exploratória e bibliográfica, cujo cerne é a perspectiva de Michel Foucault, que entende a linguagem como parte fundamental da relação humana, e que, por isso, é um instrumento de poder.

PALAVRAS-CHAVE: Relações de Poder. Linguagem. Racismo. Esporte. Foucault.

RÉSUMÉ

Les discours racistes prononcés dans les environnements sportifs renvoient à une question pertinente : comment un mot acquiert-il du pouvoir, dans un contexte, en contraignant un certain groupe social ? À partir de cette question, cet article vise à analyser le rapport de force, conféré par le langage, dans les discours racistes contemporains, notamment dans les événements sportifs, afin d'offrir une compréhension possible de ce sujet. Une recherche exploratoire et bibliographique a été menée, dont le noyau est la perspective de Michel Foucault, qui comprend le langage comme une partie fondamentale de la relation humaine, et qui, par conséquent, est un instrument de pouvoir.

MOTS CLEFS: Relations de Pouvoir. Langage. Racisme. Sport. Foucault.

1 INTRODUÇÃO

A linguagem, como forma de comunicação, confere aos homens a capacidade de interagirem uns com os outros. Enquanto parte fundamental para que haja a

¹ Graduando do curso de Filosofia Bacharelado do Centro Universitário Salesiano. E-mail: antonio2017.2@outlook.com.

² Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais (2006), mestre em História Social e Cultural pela Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines (2008), doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (2014), doutora em Ciências de Informação e da Comunicação pela Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3 (2014) e graduanda em Gestão da Aprendizagem e Modelos Híbridos de Educação.

convivência humana, a linguagem surge a partir da necessidade que o homem tem de se comunicar, expressando seus desejos e vontades. Com o desenvolvimento dos grupos sociais, a linguagem passou a se tornar mais do que apenas uma forma de estabelecer comunicação, se tornando também uma forma de exercer poder sobre o outro.

As relações de poder, termo amplamente discutido e apresentado por Michel Foucault, se firmam sob os mecanismos que a sociedade possui de interação entre os homens. A linguagem é um dos campos, onde há a possibilidade de ser utilizada como forma de manutenção de poder sob o outro. Enquanto seres comunicantes, não é possível fugir do mundo da linguagem, sendo, por isso necessário refletir sobre as suas implicações nos relacionamentos sociais.

Assim como a linguagem, diversos outros campos foram pensados, e propostos a fim de se tornarem instituições válidas para coordenarem as relações sociais. Atrelado a isto, e ao fato de que o homem possui uma predisposição a conceber sistemas organizacionais, ao se deparar com outros homens, se empenhou por catalogá-los, a fim de manter cada um em seu devido lugar. Com isso, surgiram teorias com o desejo de supor uma divisão nos tipos de seres humanos, levando em conta os tons de pele. Entretanto, com o desenvolvimento científico, ficou-se comprovado que somente a tonalidade de pele não confere características suficientes, ao ponto de dividir a humanidade em raças.

Porém, o processo evolutivo da humanidade não acompanhou, de certo modo, com a mesma clareza dos processos científicos, tornando vivas e sagazes teorias de supremacia racial, ao ponto de incutir na sociedade um certo tipo de sistema, quase que oculto, que dispõe a mente humana a agir como se estes conceitos fossem reais. Assim, o racismo estrutural, encontrou várias moradias, onde resiste, apesar de sua negação científica. Ele permanece vivo, e auxilia no injusto processo de desconsideração da capacidade de homens e mulheres negros, que só desejam a tão sonhada igualdade racial.

Dentro deste processo, que por evolução, de científico se tornou estrutural, o racismo é impellido e utilizado na formulação de discursos, com o intuito de menosprezar e exercer uma relação de poder por quem se utiliza destes falsos discursos. Isto porque a linguagem tem, a priori, um compromisso de representatividade do real, o que é fortemente desconsiderado por quem pratica tais atos.

É possível observar estas situações em diversos campos da sociedade. Porém, o presente artigo, se debruçou por investiga-lo dentro de uma realidade bem próxima aos brasileiros, o mundo esportivo. Desde os campos de futebol, passando pelas quadras de vôlei e até as arenas de ginastica, num crescente número assustador, rotineiramente, atletas negros são alvo de comentários ofensivos, e não de acordo com a realidade, mas com o intuito de incutir no ser do negro, uma realidade que lhe foi imposta mas que não faz parte do real imaginário negro. Desde os processos de escravidão os negros sofrem com o cruel remanejamento de suas capacidades, sendo reduzidos a objetos de uso e de serviço, o que é evidenciado pelos discursos racistas exemplificados neste texto.

Em consideração à problemática apresentada, o objetivo do trabalho é analisar a relação de poder que as palavras com cunho racistas conferem aos discursos realizados nos meios esportivos, tendo como base os escritos e o pensamento de Michel Foucault acerca da relação de poder que é exercida pela linguagem, no caso pela falsa linguagem do racismo. Em posição com o filósofo francês, também foram utilizadas bibliografias, desde artigos recentes, a clássicos que abordam estas temáticas, a fim de engrandecer e conferir a este artigo a relevância de sua abordagem, para o crescimento e a conscientização da sociedade.

2 O DISCURSO E AS PALAVRAS

Em todos os campos das ciências, a palavra é o elemento de primordial importância, pois tem por função representar, descrever e enunciar todos os saberes, bem como os elementos que os compõe. Segundo Foucault (1992), para falar de linguagem, e do que ela representa, é preciso construir um pensamento acerca da palavra, mais precisamente da maneira como o signo faz referência aos seus remetentes. Para isso, o filósofo francês transcorre sobre os limites do mundo. Para tudo há um limite, a exemplo o cosmos e a natureza, assim acontece com o signo e o significado.

De acordo com a produção filosófica da Idade Média, pelas observações do filósofo francês Oliver Boulnois (1999), a relação signo e significado era representada por outros dois aspectos, como que correspondentes, imagem e som. O signo, enquanto representação de algo, toma o lugar daquilo que ele representa, no instante em que está sendo empregado enquanto tal. Nesta concepção medieval, assim como

acontece em uma peça de teatro onde os atores dão vida aos personagens, o signo da vida ao significado, quando, durante a fala e a escrita, ele assume o papel daquilo que representa, agindo como se fosse ele próprio.

Segundo o pensamento de Agostinho, uma das mais fundamentais conceituações de signos surgem com este espírito medieval: o signo se assimila ao significado, enquanto toma seu lugar, pelo uso. Para Agostinho o signo é “uma coisa que, além da forma que ela imprime nos sentidos, faz com que a partir dela qualquer outra coisa venha ao pensamento” (Boulnois, 1999, p.18). Por isso, o signo é como que um caminho por onde se chega ao grande papel da linguagem, que é representar o mundo, porque leva a um conjunto de sentidos que referenciam a algo.

Cada signo possui um limite de significação que permeia ao que se remete com tal signo, e deveria permanecer no limiar deste campo de existência. Mas, por exemplo, na era clássica, (...) o signo deixa de ser uma figura do mundo, deixa de estar ligado àquilo que ele marca por liames sólidos e secretos da semelhança ou da afinidade” (FOUCAULT, 1999, p. 73), o signo mais do que representar o ser passa a ser considerado como o próprio ser, tendo três dimensões acerca dos signos: a origem das ligações (o signo como natural ou convencional), o tipo da ligação (o signo pertencente à um conjunto ou pode estar separado dele) e a certeza da ligação (a seguridade da ligação entre signo e significado ou a certeza como sendo provável).

Com o passar das eras, a crença de que o signo ocupa o lugar do significado foi se perdendo, dando lugar a um novo modo de compor esta teoria. Segundo Foucault (1992) a renascença trouxe ao mundo contemporâneo um novo conceito para o signo, o que ele apresenta como uma dualidade. O signo não ocupa o lugar da coisa como antes era pensado, mas participa junto com ela da dualidade significativa, ideia tratada por Descartes que influenciou Antoine Arnauld e Claude Lancelot (2001) a escreverem a célebre obra Port Royal, onde eles apresentam que o signo encerra duas ideias, uma da coisa que representa, outra da coisa representada; e sua natureza consiste em exercitar a primeira pela segunda.

Assim sendo, signo e significado participam da representatividade da linguagem, os dois existem simultaneamente, o signo enquanto código de representação gráfica de uma ideia e o significado enquanto conjunto de ideias que são reunidas em um código. Foucault acrescenta a esta dualidade um novo fator, a historicidade das coisas, para ele como advento da contemporaneidade as coisas passaram a desrespeitar a lógica

clássica, quando não mais por natureza e nem por convenção a partir do século XIX passaram a obedecer aos impulsos históricos, estando ligadas diretamente a liberdade do homem, o que propiciou em muito as ciências humanas.

O dom da linguagem, por sua vez, foi dado aos homens por Deus, tudo que o homem atribuía um nome o fazia porque Deus lhe concedeu a capacidade de fazer uma experiência pura com o que se relacionava, nomeando-o, a esta capacidade Foucault chama similitude. Com o acontecimento dito “a queda da torre de Babel” instaurou-se uma divisão entre povos, e no meio desta divisão estava a linguagem. Os homens passaram a se comunicar através de um código e língua próprios de cada povo, surgido após esta divisão:

Os nomes eram depositados sobre aquilo que designavam, assim como a força está escrita no corpo do leão, a realeza no olhar da águia, como a influência dos planetas está marcada na fronte dos homens: pela forma da similitude. Essa transparência foi destruída em Babel para punição dos homens. As línguas foram separadas umas das outras e se tornaram incompatíveis[...] (FOUCAULT, 1992, p. 52).

Contudo, seguindo o pensamento de Foucault (1992) por Deus ter inspirado esta forma de linguagem mais pura, a hebraica, anterior a divisão em Babel, somente o hebraico permaneceu puro. Todas as outras línguas que surgiram não traziam mais a pureza significativa dos signos dada pela similitude. Porém, a linguagem continuou, ainda assim, a dar significado ao mundo, exercendo seu papel de referenciar pensamentos como palavras.

Ainda de acordo com o magistério da igreja, Foucault (1992) apresenta a dualidade entre escrita e fala. Segundo seu pensamento, a fala nada mais que a representação em sons daquilo que lemos nas coisas. Desde a criação até os dias de hoje fazemos experiências que nos permitem uma leitura que transformada em código e pronunciada se torna palavra dita: “; quando Adão impôs os primeiros nomes aos animais, não fez mais que ler essas marcas visíveis e silenciosas;” (FOUCAULT, 1992, p. 54).

Assim como os outros aspectos que caracterizam o ser cognitivo dos homens, a linguagem foi sendo aprimorada. Num primeiro instante, foram postos signos aos seus referentes, após isto toda referência feita em forma de linguagem, por não ser mais original, pode ser considerada como comentário. Dito isto, naturalmente o homem gasta mais tempo interpretando esta primeira interpretação dos objetos, ou seja, lendo e associando o objeto ao seu código, do que propriamente interpretando. “Há [...] mais

livros sobre os livros que sobre qualquer outro assunto; [...]” (FOUCAULT, 1992, p. 56).

Portanto o comentário jamais conseguirá ser completo, tendo observado que não obtém a similitude da linguagem original. O que faz surgir uma dualidade entre linguagem e comentário, sendo o segundo mais comum ao homem, mas que porem nunca se tornará e nem tomará o lugar do primeiro, se fazendo oportuno ter em mente tanto um quanto o outro.

3 A PALAVRA DENTRO DO DISCURSO

A linguagem tem uma grande missão, a de reverberar o sentido das coisas, sempre condizente com a verdade, que deve ser a primazia em um discurso. Se a palavra tem o grande papel de configurar os objetos em códigos, o discurso por sua vez deve fazer os códigos conversarem entre si, passando uma mensagem, ou um diálogo entre objetos, que possuem um significado novo, diferente, bem maior que o anterior, quando separados eram palavras, similitude de objetos.

Este foi o tema da aula inaugural que Michel Foucault fizera no *Collège de France*, em 1972, quando proferiu que “O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; [...]” (FOUCAULT, 2014, p. 46), de fato a verdade que deve-se ter ao proferir palavras na formação de um discurso, se torna real quando este é proferido, ela toma uma forma, um corpo, ela se torna real neste mundo pela usabilidade do homem.

O discurso é o desencadeamento de significados em si mesmo, assim como de outros discursos fora de si. O seu foco principal não está no que se está escrito, não está no símbolo, mas sim no que o símbolo está representando, a ênfase do discurso é passar uma mensagem, então sua interpretação significa e simboliza muito mais que simplesmente sua constituição. Para tanto existe um longo caminho entre locutor e interlocutor. Como nos demonstra Foucault em sua obra “Arqueologia do saber”:

[...] a arqueologia define as regras de formação de um conjunto de enunciados. Manifesta, assim, como uma sucessão de acontecimentos pode, na própria ordem em que se apresenta, tornar-se objeto de discurso, ser registrada, descrita, explicada, receber elaboração em conceitos e dar a oportunidade de uma escolha teórica [...]. A arqueologia não nega a possibilidade de enunciados novos em correlação com acontecimentos exteriores. Sua tarefa é mostrar em que condições pode haver tal correlação

entre eles, e em que ela consiste precisamente (quais são seus limites, forma, código, lei de possibilidade) (FOUCAULT, 1987, p. 191-192).

O imaginário e a capacidade de interpretação do interlocutor deve ser ponto chave para a compreensão do discurso. Sendo que este, o interlocutor reproduz dentro de si a mensagem que lhe foi apreendida do que se disse no discurso. Daí a importância em uma clareza da fala, na representação das palavras, pois dominar o discurso significa dominar a compreensão e a percepção do outro, assim se lê:

Se alguém se torna consciente de que um determinado aspecto do senso comum sustenta desigualdades de poder em detrimento de si próprio, aquele aspecto deixa de ser senso comum e pode perder a potencialidade de sustentar desigualdades de poder, isto é, de funcionar ideologicamente (FAIRCLOUGH, 1989 p. 85).

Segundo o filósofo Norman Fairclough (1989, p. 85) “a ideologia é mais efetiva quando sua ação é menos visível”, e o discurso pode ser este artifício, onde o locutor se esconde atrás de suas palavras para dar voz às suas ideologias. Uma junção de palavras, bem empregadas, com um tom bem colocado de voz, que escondem, e ou mascaram, um sujeito que ganha impacto pelo seu discurso.

4 RACISMO CIENTÍFICO

A palavra raça tem sua origem no italiano *razza*, que por conseguinte provém do latim *ratio*, ambos conceituados na atitude de dividir, determinar e catalogar. Conceito que foi amplamente utilizado nas ciências botânicas e na zoologia, que pretendiam catalogar espécies de plantas e animais, de acordo com as suas características, para uma melhor compreensão e estudo destas espécies. Toda palavra surge colocada dentro de um contexto, por isso tem um tempo e uma localidade que lhe pode conferir significados.

Sendo assim a palavra raça, na sociedade medieval, já se referia por diferenciar as pessoas, mas uma diferenciação não pelas suas características, mas pelas suas origens. “No latim medieval, o conceito de raça passou a designar a descendência, a linhagem, ou seja, um grupo de pessoas que têm um ancestral comum e que, *ipso facto*, possuem algumas características físicas em comum.” (MUNANGA, 2004, p.1).

Quando, com o advento do século XV, o homem branco se depara com os negros e com os índios, surge então uma grande necessidade por explica-los e classifica-los. Tendo em vista que o homem, por sua natureza, é inclinado à organização, esta

inclinação o impulsiona a ter que responder a esta nova pergunta: Quem são estes? São, também, seres humanos? A partir daí começaram a surgir teorias que se diferenciavam das antigas, que tinha por base o saber teológico, justificando pela descendência de Adão, e pelas razões bíblicas, esta possibilidade da existência de seres humanos “diferentes.”

Para aceitar a humanidade dos “outros”, era preciso provar que são também descendentes do Adão, prova parcialmente fornecida pelo mito dos Reis Magos, cuja imagem exhibe personagens representes das três raças, sendo Baltazar, o mais escuro de todos considerado como representante da raça negra. Mas o índio permanecia ainda um incógnito, pois não incluído entre os três personagens representando semitas, brancos e negros, até que os teólogos encontraram argumentos derivados da própria bíblia para demonstrar que ele também era descendente do Adão (MUNANGA, 2004, p. 2).

Com a dita “iluminação do mundo”, o século XVII tentou responder a estas questões, não mais através destes saberes teológicos, mas a partir do racionalismo e do empirismo, grandes escolas filosóficas deste período. A ascensão do homem à religião, demarcou na filosofia um grande rompimento, não mais eram aceitas somente as sagradas escrituras como fonte de conhecimento, mas agora era preciso também ter uma comprovação científica para que os argumentos se tornassem aceitos pela sociedade acadêmica.

Como já dito no presente escrito, o ser humano, para uma melhor compreensão do que o circunda, tende a uma organização, tendo por critério as semelhanças e diferenças da coisa em si. Com isso, partindo dos conceitos já existentes de raça, os cientistas passam a procurar mecanismos de separar os seres humanos pelas suas características biológicas, oferecendo, assim, uma plausível justificativa para o racismo científico. Partindo da ideia de que os brancos, os negros, os índios, e também outros povos, são de diferentes raças de seres humanos, e por isso deveriam ser classificados partindo e findando nesta concepção.

A cor da pele, algo que visivelmente diferenciaria as raças humanas, foi uma das primeiras formas de classificação racial. O que não foi muito a frente, pois a própria ciência estabeleceu que os tons de pele são, proporcionalmente, ligados a taxa de melanina produzida pelo organismo, o que seria atrelado à fatores de sua realidade e não à uma classificação genética de espécie. “Os negros da África e os autóctones da Austrália possuem pele escura por causa da concentração da melanina. Porém, nem por isso eles são geneticamente parentes próximos.” (MUNANGA, 2004, p.4).

Atrelado a cor da pele surgiram também argumentos que tentaram definir como característica racial, a textura dos cabelos, o formato do nariz, o molde do crânio, o tamanho dos pés, e várias outras características que, a penas pela aparência, fundamentariam esta teoria. Mas também a ciência compreendeu que estas diferenças são muito mais originadas por fatores de influência do meio, do que por separação racial.

5 RACISMO ESTRUTURAL

Segundo Almeida (2018) o racismo sempre é estrutural, pois promove uma certa organização social fazendo com que ele aconteça, se infiltrando na economia, na arte, na política, enfim, em todos os ambientes sociais possíveis. Por isso, o racismo oferece meios ao homem de agir, segundo este ponto de reflexão do mundo, em maior parte violento e prejudicial.

Para Almeida (2018), entende-se racismo estrutural algo que vai além da relação entre os homens, ou seja, se caracteriza também, e principalmente, com a relação entre o homem e as instituições. Ele revela um histórico político, onde a partir de experiências, se construiu pelo desenvolvimento humano relações segundo a economia, a política, a justiça, e até na família, criando meios sociais onde alguns grupos e pessoas são discriminados pela sua cor, atrelando a noção de diferença racial a justificativa desta discriminação.

Ao trocar de calçada quando em direção a uma pessoa vem um negro, ao se sentir inibido ou coagido em um local fechado pela presença de um negro, ao estranhar que crianças brancas brinquem próximas a crianças negras, ao não dar um médico por ele ser negro, ao associar um homem negro parado em uma loja com um funcionário, há quem chame estas atitudes de institucionalizadas e ou estruturais, quando não passam de atitudes racistas que precisam ser expostas, esclarecidas e superadas, a fim de que os negros possam assumir na sociedade o papel que desejar, sem que seja, em boa parte das vezes, inferiorizado:

Um outro exemplo desta possibilidade nos é fornecido pelo que os americanos chamaram, nos anos 60, de “racismo institucional”, tema polêmico e frequentemente criticado, que designa um conjunto de atos enraizados em práticas rotineiras ou inscritos no funcionamento das instituições, que permitem manter uma raça num estatuto de inferioridade e de exclusão sem que o menor traço de racismo aflore na consciência

daqueles que o praticam. Este seria, portanto, mais um exemplo de racismo como simples atributo do sistema ou da estrutura social (PEIXOTO, 1999, p. 5-6).

Sendo assim, a sociedade toma posturas, as quais não quer ser incomodada e nem questionada, e as chama estruturais. Em outras palavras, algo que já é comum e não porque se ofender, por parte dos negros, ou se incomodar e querer mudança, por parte de qualquer que seja. A situação se torna ainda mais degradante quando sentimentos e o pensamentos racistas migram para os signos linguísticos, o que para uma pessoa que cultivava tais pensamentos não é difícil expressar em palavras, e como aqui se expõe em discursos, qualificados como racistas.

A segunda guerra mundial, é para a humanidade a maior expressão do ódio racista que o homem pôde expressar. Pode-se dizer que a segunda guerra mundial partiu de um racismo estrutural, não tratado, onde milhões de pessoas tiveram suas vidas ceifadas porque a raça ariana se considerava suprema às outras raças, sobretudo a judia. Como lemos no seguinte:

Naqueles casos que apresentam consequências bem mais graves, o ódio instrumental torna-se o motor de uma verdadeira máquina racista que funciona, em seu limite, nas mesmas condições de uma organização moderna como a que foi colocada em ação pelos nazistas, com sua lógica assassina de extermínio das raças inferiores (PEIXOTO, 1999, p. 8).

Por isso desestruturar o racismo é tão importante quanto erradicá-lo. É preciso partir da periferia para chegar ao centro do problema, e foi com o intuito de resolver ambos destacados que a então recém criada ONU, em sua carta oficial, após o fim da segunda guerra, incentivava a sociedade a “[...] promover e estimular o respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais para todos, sem distinção de raça, sexo, língua ou religião; [...]” (ONU, 1948), a fim de que cada país que participou deste ato, o faça vigente dentro e fora do seu território.

6 RACISMO ESTRUTURAL NAS AMERICAS

Inobstante destes acontecimentos na Europa, outros exemplos merecem um olhar crítico para análise. Quase toda a colonização do continente americano teve como alavanco, em sua formação, a força de homens e mulheres trazidos da África para servirem como escravos nesta nova terra. Entretanto, a exemplo dos Estados Unidos da América, mesmo com o fim do regime escravocrata, os negros que foram libertos sofreram sanções legais e morais, cujas implicações perduram até os dias de hoje.

A segregação racial é um tipo de atitude adotada por governos que visam a separação de pessoas, tendo como critério o que chamam de tipos diferentes de raça. Um homem branco não poderia ocupar os mesmos lugares que um homem negro, e isto levou o Estado a tomar algumas atitudes a fim de atender a este incoerente desejo. Nos restaurantes haviam os lugares para os negros e lugares para os brancos permanecerem, chegando até a existirem estabelecimentos que recebiam somente à brancos e outros para atender somente aos negros. Bem como nos meios de transporte coletivo onde uma mulher negra jamais poderia voltar para casa depois do trabalho se mulheres brancas estivessem usando o meio de transporte.

Leis de segregação racial haviam feito breve aparição durante a reconstrução, mas desapareceram até 1868. Ressurgiram no governo de Grant, a começar pelo Tennessee, em 1870: lá, os sulistas brancos promulgaram leis contra o casamento inter-racial. Cinco anos mais tarde, o Tennessee adotou a primeira Lei Jim Crow e o resto do sul o seguiu rapidamente. O termo “Jim Crow”, nascido de uma música popular, referia-se a toda lei (foram dezenas) que seguisse o princípio “separados, mas iguais”, estabelecendo afastamento entre negros e brancos nos trens, estações ferroviárias, cais, hotéis, barbearias, restaurantes, teatros, entre outros. Em 1885, a maior parte das escolas sulistas também foram divididas em instituições para brancos e outras para negros. Houve “leis Jim Crow” por todo o sul. Apenas nas décadas de 1950 e 1960 a suprema Corte derrubaria a ideia de “separados, mas iguais”. (CARNAL,2007, p. 3).

Esta segregação estruturou uma situação que é muito latente até os dias de hoje, negros isolados em guetos, bairros de baixa qualidade de vida e com pouca assistência governamental. Isto é tão estrutural que com o passar do tempo são chamados de bairros tradicionalmente de negros e bairro tradicionalmente de brancos, onde na verdade esta tradição é o racismo, que mesmo abolido pela lei continua vigente até os dias de hoje. No seriado televisivo *Todo Mundo Odeia o Chris*, que foi originalmente exibido entre 2005 e 2009 nas tvs americanas, amparado pela licença poética da arte, de forma cômica é possível observar uma família negra que tem como ideal viver como os brancos vivem, o que garante aos telespectadores com uma dose de humor do que as famílias negras são imbuídas, pela estrutura, a viverem a fim de alcançar o tão ideal branco.

Após cerca de trezentos anos de escravidão legítima, pelo menos nos termos da lei, em 13 de maio de 1888 a princesa Izabel, filha de D Pedro II, assinou a libertação dos escravos no Brasil, após um grande movimento em prol da liberdade racial e também pela grande pressão popular a respeito do assunto. Entretanto, segundo Paulo Roberto (2021), um outro fator mais determinante ainda, e grande exemplo de racismo

estrutural foi a pressão Inglesa, movida pelo interesse em consumidores, o que seria favorecido pela libertação dos escravos.

Um exemplo de como o racismo ultrapassou as instituições e se tornou estrutural está em uma lei de 1831. Dentro do sistema mundial capitalista, o surgimento de novos Estados nacionais dependia do reconhecimento das nações centrais do sistema mundial. A Revolução Industrial inglesa levantou uma barreira às práticas mercantilistas e forçou a adoção do liberalismo; a abertura de mercados servia amplamente aos países que aumentaram a sua produção com a mecanização. Por esse principal motivo, houve uma grande pressão por parte da Inglaterra para que o Brasil deixasse de utilizar a força de trabalho escravizada. Nesse contexto, ao ter sua independência reconhecida pela maior potência mundial, o governo brasileiro comprometeu-se com o fim do tráfico escravista. Obviamente, tal atitude iria de encontro ao interesse dos grandes proprietários de terras brasileiros. (OLIVEIRA,2021, p. 10).

Fato que comprova isto foi que a Lei Áurea não foi assinada do dia para a noite, mas foi a resposta para o não sucesso suficiente de outras leis. O mundo estava em mudança, a Inglaterra como grande centro da Revolução Industrial, e promotora do liberalismo, pressionou Império brasileiro, que foi tentando responder a esse anseio inglês. Primeiramente tornou ilegal o tráfico de escravos, para agradar os olhos ingleses, mas não foi efetivada e logo caiu por terra, até que em 1855 foi assinada a Lei Eusebio de Queiroz, que garantia a liberdade a qualquer negro que desembarcasse e fosse escravizado a partir daquela data. Mas esta empreitada não foi suficiente pois haviam ainda cerca de 700 mil escravos no Brasil.

Como o aumento da pressão e da insatisfação de grupos abolicionistas, em vários estados brasileiros, a liberdade foi garantida por lei, entretanto no trato do dia a dia, assim como nos Estados Unidos, persistiu a mentalidade de divisão e superioridade racial, colocando, assim, o negro no seu lugar, o que ainda hoje, pelo não rompimento desta estruturação racial, persiste em tirar a paz de homens, mulheres crianças e idosos que são discriminados diariamente pela sua cor de pele.

Foram os pretos e os pardos pobres que se revoltaram compreendendo que o Estado Imperial, pouco após o fim do tráfico com a Lei Eusébio de Queirós, pretendia escravizá-los, transformá-los em não pessoas ou, nos parece, concretizar a sua posição como não pessoas, não humanos e não cidadãos. A cor era determinante. No Ocidente, principalmente no caso brasileiro, escravo era igual a negro e a recíproca, na compreensão de mundo colonizado, era verdadeira. Mesmo nos engenhos, houve casos em que a divisão do trabalho respeitava a gradação das cores que separava a população negra segundo o olhar do branco, senhor de terras. As tarefas mais complexas e que sustentavam uma posição mais elevada entre os escravizados eram reservadas aos de pele mais clara. (OLIVEIRA,2021, p. 12).

Ao nomeá-lo como estrutural, entende-se, pela adoção do termo estrutura, de que esta forma de racismo não é solta e nem obsoleta, ela tem toda uma organização, e

como tal possui um ordenamento de elementos que compõe este corpo. Como parte fundamental desta estrutura racista está a linguagem, que garante, pela força de seu uso, um exercício de poder, quando utilizada para tal.

6 RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E RACISMO

Vários estudos a cerca desta temática, que retratam a dinâmica do poder na obra de Foucault, podem ser interpretados a fim de embasar teorias que propõe uma ligação entre o discurso e as práticas racistas. Sua vasta obra trata, em suma, das relações de poder, e uma das mais viris é a relação de poder que existe dentro do discurso.

O racismo nasce dentro de uma educação voltada para esta realidade, discriminatória, e por isso funda-se dentro desta mesma realidade, porém com raízes que podem ser facilmente colocadas em prova, e assim, serem negadas. Mas, como já foi dito no presente texto, há uma grande lacuna entre locutor e interlocutor, e até que se finde esta lacuna, antes da prova e da não validação do discurso racista, o interlocutor é alvo desta deplorável atitude, e se vê de mãos atadas, no que tange ao recebimento de tal discurso. Com isso, a pessoa que escuta um discurso racista não escolhe ouvi-lo, mas simplesmente é obrigado a ter que lidar com este tipo de situação. Cabe ressaltar sobre esta ideia, de separação dos seres humanos em raças, que se encontra, por uma longa construção, enraizada dentro da sociedade, como se interpreta de Foucault (apud PEIXOTO, 1999, p. 3):

Adotando uma perspectiva histórica mais genealógica, Michel Foucault, em conferências proferidas no College de France no ano de 1976, retrata o racismo concentrando sua artilharia na retomada do tema da luta entre as raças pela teoria do evolucionismo e da luta pela vida. Ele procura mostrar como, nestas condições, nasce e se desenvolve um racismo biológico-social fundado sobre a ideia – que por ser absolutamente nova faz com que o discurso racista funcione de um modo diferente – segundo a qual a outra raça não é só a que chegou de fora e dominou por um determinado tempo, mas aquela que de modo permanente e incessante se infiltra no tecido do corpo social reproduzindo-se dentro dele ininterruptamente;

Segundo Foucault (apud PEIXOTO, 1993, 15) “o que na sociedade aparece como polaridade, como fratura binária não seria tanto o enfrentamento entre duas raças estranhas uma à outra, mas o desdobramento de uma única e mesma raça em uma super-raça e uma sub-raça.” A supremacia dos brancos aos negros, quando colocada em prova junto à ciência, encontra, ainda com um discurso racista, uma certa base científica. Se não existem duas, ou mais, raças o que há é o verdadeiro (branco), que

seria a similitude em contraponto ao secundário (negro) que seria o comentário, o que a palavra representa.

Dentro deste âmbito, a linguagem possui uma função, representar por meio da escrita e da fala, ou seja, pelos códigos linguísticos, os objetos à que eles fazem referência, sendo que toda vez que não o faz causa um prejuízo à instituição linguagem. Por isso, os termos usados com cunho racista, deveriam referir-se apenas a natureza de representação, ou seja, deveriam representar somente o fato. Como nos apresenta Burke:

Talvez seja por essa razão que os estereótipos muitas vezes tomam a forma de inversão da auto-imagem do espectador. Os estereótipos mais grosseiros estão baseados na simples pressuposição de que “nós” somos humanos ou civilizados, ao passo que “eles” [os outros] são pouco diferentes de animais como cães e porcos, aos quais eles são frequentemente comparados, [...]. Dessa forma, os outros são transformados no “Outro”. Eles são transformados em exóticos e distanciados do eu. e podem mesmo ser transformados em monstros (BURKE, 2004, p.157).

Contudo, o estruturalismo do racismo distorce a mente humana, fazendo com que, para produzir uma depreciação e garantir um certo controle sobre os negros, os que se utilizam do discurso racista, fazem associações infundadas, assimilando, por proximidade de características visíveis, os negros às palavras que não o representam. Dito isto, se torna clara a compreensão de que os termos proferidos nos discursos racistas não deveriam ser usados para tal.

A circunstância da palavra representar um fato, deve ser o suficiente para que ela esteja atrelada a ele, e somente representá-lo, exceto nas situações que, por contexto, as palavras podem ter vários significados, mas, ainda assim, soma-se ao contexto a obrigação de conferir este significado à palavra. Como será possível observar no decorrer do texto, de forma mais clara, por meio dos exemplos apresentados no contexto esportivo.

7 FALSIDADE DO DISCURSO RACISTA

Os campos de futebol brasileiros, numa trágica constância, se tornam palco para o racismo, um tema não muito apreciado pela sociedade, que tem o futebol como uma paixão nacional, pelo belíssimo histórico no esporte que faz parte da vida de quase todos os brasileiros. Isto porque, acontece como se, durante as partidas, fosse criado um vácuo, onde tudo seria permitido pelo entusiasmo do esporte. Com isso, jogadores

e arquibancada, encontram nas partidas de futebol o lugar ideal de descarregar um sentimento que muitas vezes é reprimido no dia a dia, é o lugar onde, pela força da emoção, as pessoas revelam o que pensam e quem são.

Com isso, a fim de ofender e diminuir jogadores negros de times adversários, é comum associar características negativas e fazer falsas associações, expressando o seu ódio, de forma estúpida, porém consciente. Toda vez que uma ofensa é proferida a um negro, ela é feita partindo de uma assimilação, que como aqui já foi expresso, acontece no pensamento e depois se torna palavra falada. Assim, o racismo, incutido no pensamento de algumas pessoas, faz com que casos em campos de futebol, por exemplo, tomem grandes proporções negativadas pela opinião pública.

No passado, os negros não tinham muitas oportunidades dentro do futebol, pela supremacia branca – a saber, o jogador Francisco Garregal foi o primeiro negro a ser contratado por um time profissional no Brasil, no ano de 1905 - o que com o passar dos anos foi sendo mudado. A cor negra não é mais um empecilho para que um bom jogador tenha uma oportunidade. Porém, este histórico é de total relevância, tanto que em 1947 Mario Filho eternizou essas histórias em seu livro *o Negro no Futebol Brasileiro*:

Preto só entrava no scratch uma vez na vida e outra na morte.... Cada lugar do scratch tinha um dono: branco de boa família. A superioridade de raça: da raça branca sobre a raça preta; a superioridade de classe: da classe alta sobre a classe média, da classe média sobre a classe baixa (FILHO, 1947, p.69).

Contudo, a igualdade dentro do esporte tem que ir além da simples aceitação de jogadores negros, bem como estes devem ter os mesmos direitos e devem ser tratados com respeito a sua dignidade de ser humano. O que não aconteceu em 2014, quando o jogador santista Mário Lúcio Duarte da Costa sofreu injúria racial em campo, quando durante uma partida entre Grêmio e Santos, boa parte da torcida gremista se pôs de pé para ofendê-lo, chamando-o de “macaco”. Situação que após o término do jogo, com grande pesar, ele comentou em entrevista aos repórteres:

Da outra vez que viemos jogar aqui pela Copa do Brasil (no ano passado) tinha campanha contra racismo acontecendo. Não é à toa. Sei que torcida pegar no pé é normal, mas começaram a me chamar de "preto fedido", a gritar "cambada de preto". Fiquei nervoso, mas me segurei. Mas aí começou coro de macaco, eles imitando. Fizeram rapidinho, para não dar tempo de filmar. Fico nervoso com essas coisas - afirmou (CHAVES, 2014).

O caso ganhou repercussão nacional e internacional, sendo manchete de vários jornais, não somente com cunho esportivo, o que faz com que se entenda a gravidade

do assunto, que vai além do futebol, e diz respeito sobre um comportamento que só é notado e ganha tamanhas proporções em alguns casos, entretanto diariamente acontecem a baixo dos olhos de todos. Ações jurídicas foram tomadas pelo Santos, a fim de promover a justiça após o ato como apresenta Bandeira e Seffner (2016):

Em um primeiro momento, o árbitro não fez constar em sua súmula o episódio de xingamentos dirigidos ao goleiro santista. Ele acabou fazendo um adendo à súmula e a encaminhou ao procurador do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) Paulo Schmidt, relatando o fato. O procurador do STJD, ao receber o adendo do árbitro, afirmou ter feito a solicitação das imagens. Ele afirmava que o Grêmio poderia ser enquadrado no artigo 243-G do Código Brasileiro de Justiça Desportiva por “praticar ato discriminatório, desdenhoso ou ultrajante, relacionado a preconceito em razão de origem étnica, raça, sexo, cor, idade, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência¹³”. (FILHO, 1947, p.69).

Também no ano de 2014, desta vez em solo espanhol, enquanto jogava uma partida de futebol, o jogador baiano Daniel Alves foi surpreendido, quando os torcedores na arquibancada do time adversário jogaram bananas no jogador, enquanto emitiam sons como se fossem macacos, que com muito bom humor as comeu, ali mesmo, em atitude de protesto quanto as ofensas racistas, que mais tarde ele alegou sofrer desde que joga em times europeus.

Entretanto, nem todos os casos de racismo dentro do futebol, ganham visibilidade na mídia, e foi com este intuito que nasceu em 2014 o Observatório da Discriminação Racial no Futebol. Este projeto pretendia mostrar em dados números do racismo no futebol brasileiro, porém logo após a sua primeira edição foi aclamado pela comunidade de estudos, e acabou se tornando não apenas um demonstrador de dados, o estudo hoje é muito mais complexo e mostra também como os casos aconteceram, em que âmbito, a amplitude do caso, e as consequências, além de abordarem casos de outras formas de preconceito, casos em outros esportes, e casos com brasileiros que residem no exterior, ampliando assim a riqueza de seu conteúdo.

Em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul anualmente é lançado o relatório, para uso do público em geral, de pesquisadores e também do senado federal, que abraçou a causa, e procura dar respostas aos casos denunciados por esta entidade. Desde 2014 até o último relatório em 2020, somou-se 265 casos de injúria racial, dentro e fora do campo, que se levado em conta a repercussão destes acontecimentos, e tratando cada injúria como um caso, somaria então um número muito maior (OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL, 2021).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A animalização de povos africanos se dá pela associação de traços bem marcados, de um rosto por vezes sofrido, á animais que o racista encontra alguma semelhança. Mas que, na verdade, tem sempre o intuito de ofender, rebaixando o ser humano a qualidade de animal, bem como, a fim de enaltecer a supremacia branca, rebaixar a intelectualidade dos pensantes de cor preta. Escreve Achille sobre a animalização:

Para ser exato, ela não é mais uma questão de se apropriar do Outro ou de animalizá-lo ou de torná-lo uma mercadoria, como ocorreu durante o período do comércio de escravos no Atlântico, ou logo após ele. É uma questão de abolir de uma vez por todas a própria ideia de uma dívida em relação à vida (MBEMB, 2001).

Apesar da evolução que o homem atingiu com a era moderna, e foi continua crescente até a era contemporânea, diante a alguns aspectos, a citar o racismo, o homem ainda permanece preso a amarras do passado. Um passado não tão distante, a pouco os negros não eram nem gente, e boa parte do mundo os via como escravos. A escravidão teve seu fim, mas apenas no que diz respeito ao trabalho braçal e ao pertencimento do homem negro ao homem branco. Do ponto de vista da linguagem, a escravidão nunca foi tão viva e tão disciplinante como na contemporaneidade.

A linguagem permaneceu como o lugar favorável para os racistas. Os grilhões e a amarras foram substituídos por termos de cunho ofensivo, que assim como os objetos de tortura, aprisionam e maldizem, assim como na época da escravidão, os negros. Fazendo-se valer de uma falsa similitude, o homem negro é associado a figuras que ora representam suas características físicas ora remetem à uma era passada quando eram escravos.

Portanto, a linguagem, enquanto parte fundamental da relação humana, poderia se libertar destas amarras, e o empoderamento linguístico racial abraçar esta causa, na luta contra o racismo, tanto enquanto estrutura como enquanto ideologia. Partindo disto, a representação da figura negra sendo enaltecida é de total importância, pois contribuem para que o negro seja visto não como o escravo que foi roubado de seu lar e colocado a serviço do outro, mas como sendo um povo rico de cultura e de representatividade verdadeira.

Assim sendo, o processo de auto identidade é fator determinante para a prática do discurso racista, reconhecer a sua história e saber quem de fato se é desarma o

racismo, pois mesmo que atingido o negro terá bases fundamentais para dar a volta por cima e responder a altura. Esta autoidentidade parte do autoreconhecimento e do auto aceitação. Todo ser humano precisa de raízes fortes o suficiente para o manterem de pé, por isso o racismo deve ser vencido com a educação. As crianças precisam, desde sempre, aprenderem a se amar e a entender que são únicas, e por isso não deve haver um determinado padrão de julgamento do outro.

Em um primeiro momento, mediado pela família ou por seus cuidadores. Já em um segundo momento, a relação não será mediada, mas sim organizada pelo próprio sujeito com base nas estruturas apreendidas em sua matriz de identidade, ou seja, o lugar preexistente vivido, assimilado, bem como todas as relações socioculturais inscritas no contexto do núcleo da matriz de identidade. Assim, pode-se dizer que a criança no processo de desenvolvimento e estruturação de seu corpo psicológico poderá se colocar, positivamente ou não, diante dos papéis desempenhados nos mais variados contextos sociais (GESSER, COSTA, 2018, p.5).

Nos últimos anos, a indústria cultural, com a produção de filmes e músicas, tem dado uma resposta ao racismo, mostrando o negro além dos prejuízos da escravidão, enaltecendo sua cor, seus traços e sua verdadeira representatividade. No ano de 2020 em parceria com a mundialmente conhecida Disney, a cantora norte americana Beyonce empreendeu um dos maiores tributos aos negros dos últimos tempos, ganhando com o trabalho audiovisual diversos prêmios, e o reconhecimento por assumir a causa antirracista dentro do mundo pop.

Anterior a isso, no ano de 2018 o cantor Childish Gambino venceu o prêmio de melhor clipe do ano no *Grammy Awards*, a categoria mais concorrida da premiação, com uma musica e uma produção de vídeo que mostravam de modo explícito a trajetória de um homem americano negro, que para ter algum reconhecimento precisa trabalhar muito e lucrar muito além do que um branco, e ainda assim não consegue se tornar um cidadão com tratamento igual, e por isso acaba sendo mais um numero da tão alta taxa de mortalidade negra nos Estados Unidos.

Ambos os casos expressam uma mudança na sociedade, onde na arte, mundialmente reconhecida e apreciada, os negros estão conquistando, por seus méritos e com as suas histórias reais, sejam cotidianas ou de um passado glorioso, um lugar de destaque. A linguagem pode ser o campo de representação do real, e exercer um poder que pode ser usado para reverter este quadro injusto causado pelo racismo.

REFERÊNCIAS

AIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. New York: Longman, 1989.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. **Gramática de Port-Royal**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. **ARANHA, MACACO E VEADO: O LEGÍTIMO E O NÃO LEGÍTIMO NO ZOOLÓGICO LINGUÍSTICO NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL**. Movimento, Porto Alegre, p. 985-998, ago. 2016. ISSN 1982-8918. Disponível em:

<<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/61508/38865>>. Acesso em: 16 nov. 2021. doi:<https://doi.org/10.22456/1982-8918.61508>.

BATISTA, Waleska Miguel. **A inferiorização dos negros a partir do racismo estrutural**. Revista Direito e Práxis [online]. 2018, v. 9, n. 4 [Acessado 16 Novembro 2021], pp. 2581-2589. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2179-8966/2018/36867>>. Epub Oct-Dec 2018. ISSN 2179-8966. <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2018/36867>.

CHAVES, Lincoln. Racismo de grupo de gremistas tira Aranha do sério: "Sou negão, sim!". **Globo Esporte**, Porto Alegre, 28, agosto de 2014. Santos. Disponível em: <<http://ge.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/2014/08/racismo-grupo-de-gremistas-tira-aranha-do-serio-sou-negao-sim.html>>. Acesso em: 19 de novembro de 2021.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmão Pongetti Editores, 1947.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 3. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural no Collège de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola: 2014.

FOUCAULT, Michel. **Genealogia del racismo**. Tradução do francês para o espanhol de Alfredo Tzveibel. Buenos Aires: Editorial Allamira; Montevideo: Nordan-Comunidad, 1993.

GESSER, Roselita; COSTA, Cleber Lázaro Julião. **Menina Mulher Negra: construção de identidade e o conflito diante de uma sociedade que não a representa**. Rev. bras. psicodrama, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 18-30, jun. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010453932018000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 nov. 2021. <http://dx.doi.org/10.15329/2318-0498.20180010>.

KARNAL, Leandro. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007.

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Cadernos Penesb, v. 5, p. 16-34, 2004.
OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **7º Relatório anual da discriminação racial no futebol: 2020**. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2021.

OLIVEIRA, Paulo Roberto de. **A herança africana e a construção do Estado brasileiro. Serviço Social & Sociedade** [online]. 2021, n. 141 [Acessado 16 Novembro 2021], pp. 204-223. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0101-6628.246>>. Epub 04 Jun 2021. ISSN 2317-6318. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.246>.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948**. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

PEIXOTO, Carlos Augusto. **Afeto e discurso racistas**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental [online]. 1999, v. 2, n. 1 [Acessado 17 Novembro 2021], pp. 107-115. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-47141999001008>>. ISSN 1984-0381. <https://doi.org/10.1590/1415-47141999001008>.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **Selvagens, exóticos, demoníacos: idéias e imagens sobre uma gente de cor preta**. Estudos Afro-Asiáticos [online]. 2002, v. 24, n. 2 [Acessado 17 Novembro 2021], pp. 275-289. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-546X2002000200003>>. Epub 16 Dez 2002. ISSN 1678-4650. <https://doi.org/10.1590/S0101-546X2002000200003>.